

## UMA DÍVIDA DE GRATIDÃO

Eram muito velhos e chegavam para morrer. Mas traziam com eles mais do que silêncios e portas fechadas. Traziam o mundo dos livros com que cresci.



MÁRIO GALIANO

Alice Vieira, escritora

Na casa onde vivi a minha infância e adolescência, a presença da morte foi uma constante, e encarada sempre daquela maneira quase normal que os hábitos provocam nas pessoas. Uma quase rotina. Sempre me lembro de haver em casa alguém doente. Muito doente. Gravemente doente. Moribundo. Morto.

Passei a minha infância rodeada de tias e tios muito velhos, entre as paredes de um casarão com um grande corredor que rangia pela madrugada dentro, sob os passos cadenciados do tio Ernesto, que sofria de insónias.

Naquele tempo, era uma vergonha deixar morrer no hospital os parentes da província. Por isso, havia lá em casa um quarto para onde vinham os velhos tios quase moribundos, e donde passavam para a casa de jantar assim que morriam.

A preceder a chegada do tio, havia sempre um telefonema. A tia que fazia o telefonema murmurava, chorosa: “Coitadinho, já vai para aí.” A tia que recebia o telefonema, igualmente chorosa, prometia tratar de tudo, desligava, e comunicava à restante família que o tio, “coitadinho, já vinha aí”.

Então era um corrupio de médicos, e depois vinha o Sr. Pinto dar injeções, e a prima Luísa, que era enfermeira em Oncologia, aparecia sempre que lhe era possível, e as velhas tias davam ordens e tratavam de tudo, e faziam gráficos das temperaturas, e sabiam as horas de todos os remédios, e enchiam-se de olheiras, e dormiam pouco.

De vez em quando, havia um ou outro tio que, sabe-se lá por que milagre, arrebitava e lá conseguia voltar para a sua terra. Então o quarto era limpo e esfregado e estava de janelas abertas uma data de dias. Mas a tia Clara nunca ficava muito convencida da cura, torcia o nariz e resmungava: “Está aqui, está a cair-nos cá em casa outra vez.”

**QUASE SEMPRE ACERTAVA.** Então, depois de mais uns dias de cama, de idas e vindas

de médicos, do Sr. Pinto e da prima Luísa, o tio – ou tia – acabava por morrer. As tias e as criadas desmanchavam a sala de jantar, a mesa enorme ficava empilhada nas muitas tábuas que a constituíam, as cadeiras encaixavam-se umas nas outras, e era tudo enfiado na arrecadação. O tio morto era trazido do quarto e metido dentro do caixão colocado a meio da sala de jantar, exactamente no lugar onde habitualmente almoçávamos e jantávamos. Começavam a chegar muitas pessoas e muitos ramos de flores, o cheiro a éter misturava-se com o cheiro adocicado dos crisântemos, dos cravos, das rosas, dos lírios, e eu achava que era uma pena a sala de jantar não estar sempre assim tão colorida.

Era muito divertido ter um tio morto em casa. As pessoas não se lembravam de mim, deitava-me à hora que me apetecia, e ninguém se importava em verificar se tinha lavado os dentes. E, a juntar a todos os rituais, havia ainda outro, o mais fascinante, o mais apetecido de todos: o ritual do livro.

Enquanto aos adultos se servia café e biscoitos para aguentarem o velório, havia sempre uma tia (irmã do morto? mulher do morto? filha do morto?) que se aproximava de mim e me entregava um embrulho, quase sempre de papel colorido e fita dourada como se fosse Natal, e lá dentro – eu já sabia – um livro. O livro ia servir-me para aguentar o velório dentro do meu quarto, sem incomodar ninguém, pois toda a gente iria estar demasiado ocupada para me poder atender.

Por isso as primeiras páginas da maioria dos meus livros de infância têm estranhas dedicatórias: “Para te lembrares da tia Leonarda que tanto gostava de ti”, “Com um beijinho da tia Maria, já que o tio Filipe, que morreu ontem, não to pode dar.” Outros, mais lacónicos, dizem apenas: “No dia da morte do tio João. Ou do tio Augusto. Ou do tio António”.

Por isso hoje, à distância destes anos todos, eu confesso a minha profunda gratidão a essa imensa legião de tios mortos. Foram eles, sem dúvida alguma, que sem o saberem fizeram nascer em mim a grande paixão pelos livros. Com os livros cresci, brinquei, ri, chorei. E fui educada pelas personagens que encontrei nas suas páginas e que, ao contrário dos velhos tios, não morreram nunca.

**Era muito divertido ter um tio morto em casa. As pessoas não se lembravam de mim, deitava-me à hora que me apetecia e ninguém se importava em verificar se tinha os dentes lavados.**